



Dançaterapia para usuárias e trabalhadoras em unidade de saúde

Erica Rosalba Mallmann Duarte e Maria da Graça Crossetti: Escola de Enfermagem - UFRGS
Rakel Martins de Quadros: Escola de Saúde Pública do RS
Raquel Carboneiro dos Santos: Unidade Básica de Saúde Vila Cruzeiro/ Secretaria Municipal de Saúde

Introdução

A dança está presente na vida do homem desde os primórdios. Surgiu através de rituais e passou a representar deuses, as forças da natureza e os costumes de cada povo. A dança do ventre é milenar, surgiu na África como uma representação da vida das mulheres da época. Ela pode ser usada para promover a saúde, realizar alongamentos relaxantes e conviver em grupo,

respeitando os limites do outro, o que favorece a troca de experiências e melhorias na coordenação motora (KUSSONUKI; AGUIAR, 2009).

Ao dançar pode-se experimentar a consciência de si mesmo e dos outros, proporcionando o contato com energias positivas, libertando sentimentos reprimidos, ajudando a mulher a liberar verbalmente seus temores. No plano mental, favorece o raciocínio mais ágil, estimula a memória e propicia maior concentração e atenção, despertando a consciência para o momento (NAHID;

TAKUSI, 2000; OLIVEIRA; MARQUES; SOUTO, 2015).

A dançaterapia é uma terapia psicodinâmica que faz parte do grupo das terapias expressivas, como a musicoterapia e arteterapia. Trata-se de um processo acolhedor que estimula o desenvolvimento de transformações físicas ao aumentar a força, a flexibilidade e a coordenação motora, bem como as modificações mentais, entre elas o autoconhecimento, a emancipação e o bem-estar (PAINADO; MUZEL, 2012).

A formação e a educação para saúde no contexto da reforma sanitária brasileira, intensificaram os movimentos voltados para a construção de outras possibilidades pedagógicas relativas ao fenômeno saúde-doença, que provocam mudança na formação (FEUERWERKER, 2002). Logo, o desenvolvimento de práticas extensionistas no ambiente universitário, sob tal enfoque, assumem um caráter transformador, inquietante e libertador, capazes de contribuir para a ampliação das práticas de cuidado em saúde, sobretudo relacionadas à saúde mental e bem-estar de mulheres trabalhadoras e usuárias dos serviços de saúde. Neste espaço será realizado o relato de uma oficina de Dança do Ventre, promovido por uma acadêmica de enfermagem como uma atividade extensionista.

Percurso metodológico: Relato de experiência de uma atividade de extensão (UFRGS nº 32.612), através da narrativa de uma acadêmica, que foi a professora nas oficinas de dança do ventre para usuárias e equipe de uma unidade de saúde (US), no Distrito Sanitário Glória/Cruzeiro/Cristal (DGCC), do município de Porto Alegre. As escritas foram realizadas das observações de dois meses de oficinas, duas vezes por semana. Participaram 10 mulheres (duas usuárias, duas enfermeiras, duas agentes de endemias, uma professora de enfermagem, uma estagiária de enfermagem e uma funcionária do Centro de Convivência Psicossocial - CECONP). A oficina era realizada no intervalo de almoço

das trabalhadoras, das 12h30min às 13h15min, e após cada encontro, a acadêmica-professora registrava suas vivências em um diário de campo, descrevendo e refletindo a oficina do dia. Foram realizados vídeos e fotografias, aprovados pelas participantes, que contribuíram com o material escrito. Como pano de fundo para a sistematização da experiência foi utilizada a concepção histórico-dialética, que entende o contexto histórico e social em sua totalidade, assumindo a realidade, ao mesmo tempo, mutante e contraditória, por ser produto da atividade transformadora, criadora dos seres humanos (HOLLIDAY, 2006). O relato foi estruturado a partir das narrativas que expressavam as reflexões e as transformações visualizadas a partir desta intervenção. Cabe ressaltar que, embora considerados a contribuição da dançaterapia para a formação profissional e saúde, e atuação em consonância com os princípios do SUS, os aprendizados aqui relatados são singulares e refletem o consenso do olhar dos autores em meio à experiência desta atividade extensionista.

1º Experiência - Dançaterapia: semeando a cultura para colher saúde

Nas oficinas, os sorrisos começavam a se abrir desde o alongamento, que era sempre com a contagiante música da Shakira “*Ojos Así*”. As participantes comentaram que a música era empolgante, e a escutavam e dançavam em casa. Após o alongamento eram introduzidos os ritmos árabes, orientando o modo de encaixar os movimentos com as músicas. “Quando cantamos ou dançamos uma música qualquer, o fazemos em um nó de passagem. [...] este é em ‘ato’ um puro brincante trazendo uma imagem de cuidar em saúde” (MERHY, 2007).

A dança do ventre foi sendo contada durante os encontros e a interação do grupo, e também com o processo de familiarização das alunas na cultura da dança e das músicas. Os movimentos foram sendo ensinados, começando pelos nomes, e o

nível de dificuldade foi gradativamente avançando conforme as participantes evoluíam. A terapia motora quando associada à música, facilita a interação social e a comunicação entre os envolvidos, interferindo na percepção do movimento, sendo decisivo para o desenvolvimento emocional e social, fatores fundamentais para um sujeito saudável (MACHADO, 2015). Constatou-se que a dança enquanto medida terapêutica estimulou a integração, a sensação e a percepção, de modo que todos, inclusive a acadêmica-professora das oficinas, enquanto profissional da saúde e dançarina, pôde participar ativamente.



Os encontros, os conhecimentos, as tentativas
Fonte: Acervo dos autores

2º Experiência - Os encontros e o acolhimento

Os encontros proporcionaram aproximação das usuárias, equipe de saúde e universidade, trazendo experiência e um visível bem-estar aos participantes. Perceberam-se as melhorias na qualidade de vida do grupo, que favorecem a ampliação do olhar sobre a saúde a cada oficina. Trabalho vivo em ato é o encontro entre diferentes usuários e equipe em busca da construção do que lhes é comum, ou seja, o cuidado (MERHY, 2013).

A oficina foi desenvolvida quase sempre no CECONP, entretanto, na UBS havia uma sala com alguns objetos e móveis que não eram utilizados, e no chão visualizavam-se aparelhos de ar

condicionado, maca e bancos obsoletos. Em determinada manhã, a sala foi modificada pela acadêmica que organizou os materiais, otimizando o espaço. O ambiente foi reorganizado e a partir daquele momento passou a ser utilizado para outras atividades de convivência, como educação e promoção de saúde. Essa foi mais uma contribuição deste movimento, que culminou na descoberta de espaços para outras possibilidades terapêuticas. As oficinas terapêuticas são atividades grupais desenvolvidas pela equipe, podendo acontecer nas unidades ou em outros locais da comunidade.

Quando foi feito o convite para as mulheres usuárias e trabalhadoras participarem da oficina, pensou-se: “*Quem vai querer participar?*”. Tinha-se uma expectativa muito grande e ficamos muito contentes aos convites aceitos, pois, embora a maioria das mulheres tivessem se mostrado abertas a integrarem a atividade, nem todas conseguiram participar, em função do horário ou por motivos pessoais. Acadêmicas e docente de enfermagem apresentaram-se como participantes e logo foram incluídas no grupo. As relações entre pessoas, no caso usuários, trabalhadores, estagiários e professores, são consideradas como relações entre semelhantes, os quais são potencializados pela participação e união de todos na tentativa de oferecer o melhor que o serviço dispõe (COELHO; JORGE, 2009), além de favorecer a integração entre ensino, serviço e comunidade.

A participação da acadêmica-professora no convívio com esta realidade, reconhecendo os aspectos culturais, as relações sociais e o ambiente comunitário em perspectiva, favoreceu a ampliação do seu olhar sobre o conceito de saúde ampliado, despertando para a possibilidade de investir em ações que vão além do aspecto da doença e das questões físicas do corpo. Nesse sentido, a acadêmica-professora pode sentir-se como agente de transformação, associando a integralidade do cuidado em saúde ao contexto no qual as pessoas estão inseridas.

3º Experiência - Cuidar, cuidando-se: a diferença que fez em mim (acadêmica-professora)

A experiência em realizar a oficina foi desafiadora, pois a condução de aulas de dança do ventre propicia vários aprendizados, exigindo paciência, amor e dedicação. O fato de duas das participantes já possuírem experiência com a dança também foi um desafio, pois em muitos momentos, ambas queriam decidir como deveriam ser feitos os movimentos, necessitando parar a coreografia e retomá-la novamente.

No início foi difícil para a acadêmica-professora posicionar-se como líder do grupo, pois esta situação demandava competências específicas que favorecem o desenvolvimento da autoconfiança e um posicionamento humilde e firme em determinados momentos. Essa vivência propiciou a ela amadurecimento e apropriação do processo de trabalho que estava desenvolvendo. A condução dos encontros favoreceu, inclusive, a oportunidade de exercitar a paciência e o autocontrole, visto que a mesma precisou desenvolver habilidades e atitudes de liderança frente ao grupo. Esta condição incluía ser firme em momentos de dispersão, ao mesmo tempo em que exigia respeito, cooperação e entusiasmo, demandando muita concentração.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (2001) para os cursos de saúde apontam novos caminhos para formação profissional na área, considerando a necessidade de atuação em consonância aos princípios do SUS. Para a Enfermagem, as diretrizes propõem a formação de enfermeiros generalistas, humanistas, críticos, reflexivos, qualificados, capazes de atuar com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, bem como promotor da saúde integral do ser humano. Entre as suas competências deve desenvolver a liderança, devendo estar apta a assumir posições sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade, envolvendo compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma

efetiva e eficaz. A experiência em dançaterapia foi ao encontro de tais proposições, na medida em que propiciou o desenvolvimento de elementos específicos à formação da acadêmica-professora a partir dessa atividade de extensão, favorecendo um repensar acerca das práticas de cuidado que podem ser desenvolvidas, com vistas à integralidade. Nas oficinas, a acadêmica-professora encontrou a motivação necessária à conclusão de sua formação, pois a aprendizagem teve significado, feita com alegria, fortalecendo o vínculo com a equipe de saúde e as usuárias participantes.

A oportunidade de fazer alongamentos e exercícios nas aulas de dança proporcionou à acadêmica-professora a capacidade criativa, quanto elaborou coreografias, e a satisfação plena por ter conseguido formar um grupo, podendo sentir-se líder, mesmo com mulheres tão guerreiras e poderosas.

Desde a antiguidade, no templo de Delfos, lia-se: “conhece-te a ti mesmo”. Essa frase inspirou Sócrates e é a fonte de avanços pessoais ao longo dos séculos. Cada indivíduo encontra ou não seu próprio caminho para o autoconhecimento, seja a partir de si mesmo com uma fonte de autoanálise junto a relações intrapessoais ou a partir do outro nas relações interpessoais. Assim, de modo semelhante, a acadêmica-professora visualizou seu próprio caminho nestas vivências, de forma corresponsável e comprometida com as ações que desenvolveu, onde conciliou a enfermagem e a dança. Nesta experiência ela conseguiu aproximar ciência e a arte da enfermagem, com a arte e a ciência da dança.

4º Experiência - O exercício físico melhora a alma

A oficina iniciava com alongamentos durante cinco minutos, e após 50 minutos de dança com exercícios de flexibilidade, força, resistência, coordenação e trabalho em grupo, novamente eram realizados mais cinco minutos de alongamento no

final do encontro. Durante as aulas reforçava-se a postura, o encaixe de quadril, os joelhos flexionados, o tórax expandido, e as mãos para frente com a palma da mão para dentro. No início, todas as praticantes se mostravam cansadas e comentavam o quanto estavam sedentárias, já apresentando sinais de cansaço na segunda metade da aula. Com a rotina de atividades essa condição foi aos poucos se transformando. Eram feitos movimentos com os ombros, e a partir destes, propunha-se ondulações com os braços. Os exercícios eram desafiadores, considerados pelas participantes como difíceis de aprender, no mesmo tempo em que relatavam um sentimento de bem-estar, sentindo-se com a alma mobilizada na expectativa do que ainda poderiam aprender.

A dança possui grande potencial terapêutico, pois, diferente de outras práticas físicas, trabalha movimentos como forma de expressão, corpo e mente, proporcionando sensação de bem-estar e alívio de sintomas como a ansiedade e o humor deprimido. Na realização de qualquer movimento corporal, percebe-se o envolvimento de funções relacionadas à coordenação motora, tais como músculos, articulações, bem como do envolvimento cerebral (BUELAU, 2012). Além disso, outros estudos mostram que a dança do ventre melhora o relacionamento social, desinibição e mudanças no corpo, disposição física e autoestima, emergindo como uma forma de promover a saúde feminina (REIS, ZANELLA, 2010; OLIVEIRA; MARQUES; SOUTO, 2015).

Nas oficinas que seguiram houve mais descontração, coordenação e conseqüentemente, redução de sinais de ansiedade e medo do não aprender. Percebia-se que as participantes tornavam-se a cada dia, mais íntimas da cultura da dança árabe e reconhecendo-se como mulheres capazes.

5ª Experiência - A subjetividade da beleza do corpo e da mente: trabalhando os desafios

Ao serem convidadas para dançar, as mulheres

expressaram satisfação com a ideia de participar de uma dança cheia de mistérios, alegando ser uma atividade física que as permitira sair um pouco da rotina doméstica ou do trabalho. Contudo, logo surgiram questionamentos: “*Isso não é coisa de pessoa magra?*”. “*Uma pessoa na minha idade pode dançar?*”. Outras reações apareceram diante dos movimentos iniciais: “*Vai ser difícil, não vou conseguir fazer*”. “*Quanto tempo vou levar para fazer isso direito?*”. Mesmo em meio a tantas dúvidas e questionamentos, as mulheres começaram a praticar, esquecendo os seus anseios e focando apenas na realização dos movimentos. Ao lerem sobre a dança do ventre começaram a perceber que a dança atribui novos valores estéticos ao corpo e à feminilidade através do ritmo e da musicalidade. As mulheres mostravam-se estimuladas pela prática da dança, sendo encorajadas a trabalhar a criatividade, a feminilidade e a timidez. Mais que fazer movimentos sinuosos, a literatura refere que a dança do ventre exterioriza a feminilidade, a leveza, a suavidade e a beleza da mulher (OLIVEIRA; MARQUES, SOUTO, 2015).

Notou-se que as dúvidas e medos se transformaram, aula após aula. Surgia a necessidade de aprimorar o que já havia sido aprendido em novos passos. Foi então que na terceira aula surgiu um pedido desafiador das participantes: “*Poderíamos ter uma coreografia?* Perguntaram as alunas”. A surpresa da acadêmica-professora foi imensa com a proposta, pois a última vez que havia criado uma coreografia fazia três anos. Contudo, a resposta veio com naturalidade: “*Próximo encontro iniciaremos uma coreografia*”. Estava posto o desafio de improvisar. No encontro seguinte, durante os primeiros 30 minutos, foram passados movimentos novos e analisados quais elas tinham maior facilidade em aprender. Com a música escolhida para a nova coreografia, as participantes logo começaram a reproduzir os movimentos. Diante do aviso para lembrarem da sequência, uma participante teve a ideia de fazer um vídeo, sendo este recurso utilizado nos demais encontros para que fosse possível recordar a coreografia. Também foi criado um aplicativo

em *smartphone*, aumentando o vínculo do grupo.

Uma das participantes relatou estar sedentária há muitos anos, e que permanecia a maior parte do dia deitada. No entanto, desde que começou a oficina, sentiu melhorar suas dores, principalmente nos joelhos. Há evidências de que a dança como forma de terapia, é preferida pelas mulheres em relação aos homens, e que as mesmas relatam a qualidade de vida promovida por essa atividade, comprovando-se nessas vivências que o exercício proporciona o desenvolvimento da autoestima (BUELAU, 2012). Esse sentimento realça a feminilidade e a sensualidade que a dança promove, provocando expressividade e fazendo a mulher admirar-se por si mesma.

6º Experiência - A diferença que posso fazer na vida das pessoas através da dançaterapia

Ao serem convidadas para a dança do ventre, as mulheres relataram que tiveram pensamentos de medo, incapacidade, ansiedade, porém aceitaram a proposta para conhecer uma nova cultura, fazer novas amizades, realizar uma atividade física e tentar firmar um compromisso. Uma das usuárias havia tido um episódio muito triste em sua vida, e até aquele momento estava lutando para superá-lo. Relatou que ficava deitada o tempo todo, com vontade de chorar, e através da vivência no projeto da dança, coloca a música “a todo volume” em casa e dança a coreografia todos os dias. A mesma relata ter menos dores nas pernas, no corpo, tendo passado a fase de angústia, sentindo-se mais empolgada. Já as profissionais da unidade mostraram-se muito satisfeitas com a atividade, e relataram que agora possuem um espaço e um momento em que podem sentir-se cuidadas no ambiente de trabalho. Junto às usuárias, as profissionais mostravam-se mais alegres e descontraídas. Percebeu-se que a dança do ventre colocava aquelas pessoas em contato com energias positivas, trabalhando o desbloqueio de sentimentos reprimidos e energias ruins, ajudando-as na libertação de seus temores.

Ao vivenciar este tipo de atividade, as acadêmicas e a professora tiveram possibilidade de ter acesso a diferentes experiências afetivas, que as levaram a refletir sobre os modos de cuidar em saúde, o que despertou empreender suas práticas focadas em relações afetuosas e empáticas.

7º Experiência - Os desafios de um grupo: superação e dedicação em forma de movimentos

A enfermeira coordenadora da unidade, que também integrou as vivências, trouxe um convite para o grupo, a fim de que se apresentassem na II Mostra Porto Alegrense de Experiências Inovadoras na Atenção Básica: etapa da Gerencia Distrital Glória, Cruzeiro, Cristal, representando a unidade. Ao mesmo tempo em que se configurava uma oportunidade, revelava-se um desafio a todas. O convite foi aceito e a comunicação no grupo, intensificada, com fotos de roupas para a apresentação, dicas de como se portar no palco, dentre outros aspectos. Neste momento, novos anseios surgiam no grupo, situação que serviu como base para cooperação e apoio emocional. Optou-se por intensificar os ensaios, pois era preciso terminar e aperfeiçoar a coreografia. Para tanto, seria necessário fazer com que todas se sentissem acolhidas e encorajadas a participar das aulas e ainda, responsáveis pela apresentação. Frente a mais este desafio, a acadêmica-professora surpreendeu as participantes, trazendo uma mala cheia de trajes coloridos, deixando as novas artistas bem entusiasmadas, tornando-se um momento de euforia geral. Depois da escolha das roupas, a acadêmica-professora em diálogo com uma das alunas: “Ué? Mas não era tu a tímida que não ia se apresentar por nada nesse mundo?”. Todas riram, sendo um momento de fortalecimento de vínculo, companheirismo e cumplicidade. A partir de então, ninguém teve dúvidas de que se apresentariam.

A cobrança por não estarem dançando perfeitamente chegou e, naquele momento, foi preciso

que elas entendessem ser a apresentação algo divertido, e que a parte técnica seria vista em segundo plano. As aulas seguiram acontecendo e a interação entre o grupo foi crescendo, além da familiarização com a dança e as músicas árabes. Em contrapartida, as expectativas e ansiedade sobre a apresentação foram aumentando. Esse contexto propiciou à acadêmica-professora desenvolver com autonomia, a competência de facilitadora frente ao grupo no processo de trabalho do projeto, elaborando atividades de planejamento, organização, supervisão e controle nas aulas de dança.

8º Experiência - O autoconhecimento e a autotransformação: o dia da apresentação

As participantes no dia da apresentação, foram à unidade, local onde haviam combinado de se encontrarem. Entre muitas risadas e expressões de ansiedade, todas se maquiavam e vestiam as roupas, uma tentando acalmar a outra, visto que a maioria não havia dormido bem, tamanha a ansiedade. No local, ao conhecerem o palco, as participantes se reuniram para passar a coreografia pela última vez, quando a acadêmica-professora estimulou o grupo dando as últimas orientações. Proferiu palavras de conforto e de confiança, dizendo que o importante era se divertirem, que entrassem sorrindo e que todas já tinham acertado por estarem ali, lindas, arrumadas, maquiadas, empolgadas e felizes.

Esta situação contribuiu para o aprendizado acadêmico com vistas à atuação no SUS, desperdando para o trabalho coletivo, de cooperação, diálogo e em relações horizontais permitindo que diversos atores se posicionassem na busca de ações focadas num mesmo propósito, com soluções compartilhadas entre a equipe.

Chegou o momento esperado. Anunciaram: - “Grupo de dança do ventre da Unidade de Saúde Vila Cruzeiro- FASE. Naquela hora a acadêmica-professora pensou: “*nossa, isso nem é nome de*

grupo, como não pensei em um nome para o nosso grupo?”.

Embora todas soubessem a coreografia, permeava a ansiedade e o medo de errar. O grupo entrou e todas se posicionaram intercaladas para que todas aparecessem, permanecendo na posição de base: quadril encaixado, joelhos flexionados e braços em posição de xícara. O primeiro movimento já inicia com a segunda batida da música, o que exigiu grande concentração. No segundo movimento, elas já começaram a relaxar, mudando a expressão de susto. Ao longo da coreografia reparei todas se sentindo mais à vontade, os movimentos de giro e deslocamentos laterais mais harmoniosos. Era notável a sensação de emoção. O final da coreografia era em roda, sendo notável a felicidade no rosto de cada uma. Quando a música acabou, todas agradeceram e saíram. Nos bastidores, comentários do tipo: “*Gurias, passou tão rápido, ou foi só eu quem achou isso? Passou muito rápido, eu nem senti!*”. Esses comentários expressavam o sentimento de satisfação, pois geralmente o tempo passa rápido quando se consegue a diversão, por justamente ter o domínio da situação. Foi compensador tudo o que elas relataram da subida ao palco e a forma como executaram o que aprenderam.

Neste dia obteve-se o resultado de um trabalho feito com esforço, cooperação e carinho por todas as envolvidas. “Subir no palco” é sempre um recomeço, pois o grupo, o palco, a plateia, e o reconhecimento são únicos em cada apresentação. Após a apresentação, algumas pessoas perguntavam quem era a professora, quanto cobrava e se teria disponibilidade de dar aula em outras unidades de saúde. Foi surpreendente o interesse de outras mulheres neste trabalho!

Na ocasião, o Secretário Municipal de Saúde de Porto Alegre, Sr. Fernando Ritter, a Gerente Distrital Daniele Stein, e a Apoiadora Institucional, Karina do DGCC, se fizeram presentes e foram cumprimentar as participantes, agradecendo ao grupo pelo trabalho que estavam



Apresentação na 2ª Mostra Porto-alegrense de Experiências Inovadoras da Atenção Básica (SMS/POA)
Fonte: Acervo dos autores

realizando. Os aplausos, os comentários sobre a harmonia do grupo, a beleza e organização, os vídeos, a opinião, os congraçamentos e agradecimento, elevaram ainda mais a autoestima das participantes, sendo esta uma das provas de que a atividade cumpriu sua função.



Após a apresentação, com o Secretário Municipal de Saúde/ POA e a Gestora do Distrito Glória/ Cruzeiro/ Cristal da SMS (POA) - Fonte: Acervo dos autores

Conclusão

As experiências em encontros populares, mediados por oficinas de dança do ventre, vieram compor o ideário deste relato, mostrando que as mulheres foram capazes de terem um papel de protagonista nas transformações de conceitos e práticas de saúde, apoiando e subsidiando o processo de formação da acadêmica. O projeto de extensão propiciou o aprimoramento da capacidade de entendimento das profissionais acerca da integralidade em suas práticas. A formação em saúde tem como locus de atuação a universidade, a comunidade e os serviços de saúde, nos diferentes modos de atuação. Ao fazerem parte de uma experiência como esta, os atores sociais envolvidos conseguem visualizar novas e diferenciadas formas de conceber o cuidado em saúde, indo além das técnicas curativas e do paradigma biologicista para uma integração entre corpo e alma. Assim, vislumbra-se na dançaterapia, uma alternativa complementar na formação de profissionais de saúde na perspectiva dos princípios

do SUS, uma vez que possibilita o protagonismo estudantil e comunitário favorecendo o respeito à cultura e a indissociabilidade e integração entre ensino, serviço e comunidade.

A dançaterapia, assim como outras terapias expressivas, assume papel importante no desenvolvimento de autoestima, autoconhecimento e autoconfiança, levando conseqüentemente a uma melhora na saúde e bem-estar dos praticantes. Há efeitos da dançaterapia em diferentes contextos, denotando resultados positivos desta prática nas ações de promoção da saúde. Assim,

oficinas de dança do ventre em atividades de Extensão, constitui uma valiosa estratégia ante o ensino na universidade e as práticas de cuidado nos serviços de saúde, contribuindo para uma formação e atuação em saúde coerente com os princípios do SUS.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Resolução do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior nº 3, de 7 de novembro de 2001.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2016
- BUELAU, R.M. **Ensaio de delicadeza e ousadia: uma experiência com o corpo na saúde mental.** In: AMARANTE, P.; NOCAM, F. (Orgs). **Saúde Mental e Arte.** São Paulo: Zagodoni, 2012.
- COELHO, M.O.; JORGE, M.S.B. **Tecnologia das relações como dispositivo do atendimento humanizado na atenção básica à saúde na perspectiva do acesso, do acolhimento e do vínculo.** *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.14, supl.1 Set. /Out. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000800026. Acesso em: 14 de abril de 2017.
- FEUERWERKER, L. **Além do discurso de mudança na educação médica: processo e resultados.** São Paulo: Hucitec; 2002.
- HOLLIDAY, O.J. **Para sistematizar experiências.** Ministério do Meio Ambiente Brasília. 2. ed. Brasília: MMA; 2006.
- KUSSONUKI, S.A.Q.; AGUIAR, C.M. **Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil.** *Motriz: Revista de Educação Física*. Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 708-712, jul./set.2009. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/20764/WOS000270451700026.pdf?sequence=3> Acesso em: 22 de fevereiro 2017.
- MERHY, E. **Agir em saúde: um desafio para o público.** 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- MERHY, E. **O cuidado é um acontecimento e não um ato.** In: FRANCO, T. B.; MERHY, E. (orgs). **Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde:** textos reunidos. São Paulo: Hucitec, 2013.
- MACHADO, L.T. **Dançaterapia no autismo: um estudo de caso.** *Revista Fisioterapia e Pesquisa*. São Paulo, v. 22, n. 2, abr./jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-29502015000200205. Acesso em: 23 maio 2016.
- NAHID, M.; TAKUSI, S. **Os benefícios que a dança do ventre proporciona a quem pratica.** In: *A Milenar Dança do Ventre*. 2000. p. 1-182.
- OLIVEIRA, L.P.P.; MARQUES, A.C.O.; SOUTO, G.M.S. **Dança do ventre e descoberta: Percepções das mulheres sobre as mudanças ocorridas em si mesmas após a prática.** *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*. João Pessoa, v. 19, n. 2, p. 85-92, 2015. Disponível em: <http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/28785/15409>. Acesso em: 7 junho 2016.
- PAINADO, M.M.; MUZEL, A. **A contribuição da dançaterapia no processo de reabilitação.** *Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da Fait*. 1. ed. Nov., 2012. Disponível em: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/opqwrRuJSt95tZS_2014-4-22-15-12-18.pdf. Acesso em: 26 maio 2016.
- REIS, A.C.; ZANELLA, A.V. **A constituição do sujeito na atividade estética da dança do ventre.** *Psicologia & Sociedade*; v. 22, n.1, p.149-156, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822010000100018&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 14 de abril de 2017.